

Necrópole dos Carapinhais

(Sobral da Adiça, Moura)

António M. Monge Soares¹

Manuela de Deus²

José C. Correia³

Resumo

A escavação de salvamento levada a cabo na necrópole dos Carapinhais permitiu verificar que a mesma era constituída por quatro cistas rectangulares, cada uma delas inserida num *tumulus* redondo limitado por pedras de xisto colocadas de cutelo. Os *tumulii* adossam-se ou intersectam-se uns aos outros. Dois são de maior tamanho e contêm cistas com uma orientação NW/SE, enquanto que nos de menor dimensão as cistas apresentam uma orientação SW/NE. As dádivas de sepultura consistem em vasos cerâmicos e num colar de contas de pedra. Quer a arquitectura funerária, quer as dádivas apontam para uma cronologia dentro do Bronze I do Sudoeste.

Abstract

A rescue excavation was carried out at a Bronze Age necropolis partially exposed by agricultural works. Four burial cists were excavated, but only one of them was intact. Each cist had a round *tumulus* with standing stones of schist in its periphery. Two of the *tumulii* were bigger than the other two. The cists of bigger *tumulii* have a NW/SE orientation, while the others have a SW/NE orientation. Three pots, two of them fragmented due to old or recent cist violation, and a collar of stone beads were found as grave goods. The necropolis can be dated to the Bronze I of the Iberian Southwest.

1 - Instituto Tecnológico e Nuclear, Estrada Nacional 10, 2686-953 Sacavém, amsoares@itn.pt

2 - Extensão do IPA em Castro Verde, Rua D. Afonso Henriques, 98, 7780-183 Castro Verde, mdeus@ipa.min-cultura.pt

3 - Extensão do IPA em Lisboa, Avenida da Índia, 136, 1300-300 Lisboa, jcorreia@ipa.min-cultura.pt

1. Introdução

A Necrópole dos Carapinhais foi identificada em 1999 por um de nós (J.C.C.), quando procedia à realocação de sítios arqueológicos, no âmbito das atribuições da Extensão Territorial do IPA em Castro Verde. Duas grandes lajes de xisto, que jaziam à beira dum caminho agrícola, despertaram a atenção, como prováveis tampas de sepultura. Muito próximo, à superfície dum terreno recentemente lavrado, podiam observar-se outras três lajes em cutelo, indiciando uma possível cista.

O sítio arqueológico, localizado na área dos Carapinhais, também conhecido por Alagoa, pertence à freguesia do Sobral da Adiça, concelho de Moura (CMP, flh. 524, 38° 02' 06" N; 7° 13' 57" W Gr.) – Fig. 1. Apresentava, à época, evidentes sinais de destruição, urgindo submetê-lo a uma intervenção de emergência, com vista à salvaguarda pelo registo da informação remanescente.

A intervenção arqueológica, que se prolongou por três curtas campanhas sucessivas (2000, 2001 e 2002), colocou a descoberto quatro cistas e vestígios residuais dos respectivos *tumulii*.

A necrópole está implantada num olival, na margem esquerda da Ribeira de Toutalga, em terrenos de micaxistos, numa área de relevos suaves que é contornada por um conjunto de elevações: a norte e a nordeste localizam-se as elevações de Santo Aleixo, a oeste as serras da Preguiça, Álamo e Adiça e a sul a Serra de Ficalho. A sua estrutura pétreia foi muito afectada pelas lavouras, encontrando-se melhor preservada junto a uma oliveira, que terá impedido a acção da charrua. O conteúdo das cistas terá sido afectado por algumas pilhagens, umas modernas, outras talvez mais antigas.

O final da intervenção de campo foi reservado à protecção com pedras e à "ocultação" com terra de todas as estruturas postas a descoberto numa tentativa de salvar ou, pelo menos, retardar o desaparecimento desta necrópole que, como se verá a seguir, apresenta uma arquitectura até hoje única na margem esquerda do Guadiana.

2. A Necrópole

2.1 Arquitectura funerária

A necrópole dos Carapinhais (Fig. 2) é constituída por um conjunto de quatro sepulturas, de tipo cista, formadas por quatro esteios de xisto que revestem uma fossa de planta rectangular aberta no substrato geológico local. Seriam cobertas, cada uma, por uma grande laje também de xisto, que não se conservou *in situ*, mas que ainda foi possível observar, uma delas, na área próxima da necrópole. O aspecto arquitectónico mais particular é a existência de estruturas tumulares encadeadas, de planta tendencialmente circular. Os *tumulii*, em torno das cistas, são constituídos por lajes de xisto e blocos de quartzo e de calcário, delimitados por um anel circular de lajes maiores de xisto, colocadas de cutelo.

As cistas 2 e 4, integradas nos anéis de maior diâmetro, têm orientação NW/SE, enquanto as outras duas, inseridas nos anéis menores, que se adossam aos maiores, têm uma orientação que lhes é perpendicular (SW/NE).

Da cista 1 existiam preservados três esteios e um fragmento do quarto, todos conservados *in situ*. Não apresentava vestígios da tampa e o *tumulus* estava razoavelmente conservado (Fig. 3). Foi alvo de violação, restando no interior da cista apenas alguns fragmentos de cerâmica manual, interpretados como restos de dádivas funerárias.

A cista 2 conservava os quatro esteios *in situ* e dois prováveis fragmentos da tampa tombados no interior (Figs. 4 e 5). Tinha, também, sido alvo de uma violação, parcial, encontrando-se o espólio funerário recuperado disperso pelo seu interior.

A cista 3 foi apenas parcialmente escavada por se encontrar subjacente a uma oliveira (Fig. 6). A possível tampa encontrava-se deslocada e fragmentada. O *tumulus*, parcialmente conservado, apresentava, no enfiamento do eixo maior da cista, uma laje com duas covinhas (Fig. 7). A laje em causa, colocada de cutelo, fazia parte do anel do *tumulus*, parecendo-nos evidente o carácter antropomórfico e ritual da mesma (ver Figs. 8 e 2). Esta cista, a única da necrópole que não tinha sido violada, apresentava o espólio funerário *in situ*.

Por fim, a cista 4 preservava os quatro esteios *in situ*, mas já não existia a laje de cobertura (Fig. 9). Terá sido alvo de uma violação recente e total do seu conteúdo, uma vez que se encontrava totalmente preenchida por pedras, com os espaços entre elas quase vazios de terra, além de também não existir qualquer sedimento aderente às faces internas dos esteios. Verificou-se, igualmente, que uma das duas grandes lajes de xisto que integravam o anel de contenção do seu *tumulus* tinha sido retirada recentemente (possivelmente uma das duas grandes lajes que se encontravam soltas junto à necrópole) como indicava a depressão existente no lugar que lhe correspondia (ver Fig. 2).

2.2 Espólio

Tal como sucede em outras necrópoles do Bronze do Sudoeste, o conteúdo funerário das sepulturas intervencionadas é relativamente reduzido. Além disso, como já se referiu, com excepção da cista 3 todas as outras tinham sido violadas. No que se refere à cerâmica regista-se a presença de fragmentos de um vaso globular mamilado e de um bordo duma pequena taça achatada na cista 1, como possíveis dádivas funerárias, e de uma taça hemisférica, *in situ*, na cista 3 (Fig. 10).

Na cista 2 foram encontradas dezassete contas de colar (Fig. 10), encontrando-se dez juntas, algumas delas numa sequência linear (Fig. 11), enquanto três outras se encontravam em diferentes posições na cista devido à violação (parcial) sofrida; as quatro restantes foram encontradas na crivagem com água a que submetemos todo o conteúdo da sepultura. As contas são todas elas feitas numa pedra com pátina castanho-acinzentada, cuja análise mineralógica, fa-

zendo uso da microscopia electrónica de varrimento (SEM), permitiu identificá-la como pertencendo ao grupo das clorites (Gonçalves, 2007). Todas estas contas apresentam uma forma bitroncocónica, mais ou menos evidente, e perfuração cilíndrica central.

Além das dádivas de sepultura referidas nos *tumulii* foram recolhidos diversos fragmentos de cerâmica, entre os quais dois bordos (Fig. 12). Estas cerâmicas, com paredes relativamente espessas e algo roladas (erodidas), não se poderão considerar como dádivas funerárias, mas sim provenientes da área habitacional, hipoteticamente situada próximo da necrópole, e terão a mesma cronologia desta. Na envolvente da necrópole, foram recolhidos, em prospecção superficial, um seixo talhado de quartzito e o talão de um instrumento de pedra polida de anfíbolito (Fig. 12).

3. Discussão

A arquitectura do espaço funerário aproxima esta necrópole de cistas da necrópole da Atalaia (Schubart, 1975), tornando-a o primeiro exemplo deste tipo no território português da margem esquerda do Guadiana. Para além das diferenças de monumentalidade, difere, no entanto, da Atalaia na solução arquitectónica empregue para delimitação dos *tumulii*. Na necrópole da Atalaia essa delimitação é estabelecida por muretes de lajes de xisto sobrepostas, enquanto que nos Carapinhais é realizada por anéis de lajes de xisto colocadas de cutelo. Recintos tumulares delimitados por lajes colocadas de cutelo foram registados em necrópoles da área de Sines – Provença e Quitéria (Silva e Soares, 1981) – e no Algarve – Alfarrobeira (Gomes, 1994). Existe um outro paralelo, porventura mais próximo, na Serra de Huelva, na necrópole de cistas de La Traviesa, em Almadén de la Plata, Sevilha (García Sanjuán, 1993), onde um dos enterramentos (o enterramento 5) apresenta um anel de lajes fincadas verticalmente rodeando o *tumulus*, o qual é formado por blocos de pedra de calcário. Deverá referir-se, no entanto, que, embora esta arquitectura tumular seja semelhante à da Necrópole dos Carapinhais, o enterramento 5 de La Traviesa apresenta dimensões superiores, sendo a cista formada por mais do que uma laje lateral e surgindo isolada numa necrópole de, pelo menos, 27 enterramentos em cista sem *tumulii*. Esta situação de La Traviesa assemelha-se, por seu lado, à da necrópole do Talho do Chaparrinho, em Vila Verde de Ficalho (a 10 km de Sobral da Adiça), onde uma cista inserida num cairn é acompanhada por outras duas cistas, qualquer delas, sem vestígios de um *tumulus* (Soares, 1994).

A tipologia da arquitectura funerária dos Carapinhais aponta, por conseguinte, para uma cronologia antiga dentro do Bronze do Sudoeste, isto é, para o Bronze I, na definição de Schubart (1975).

As dádivas funerárias também não contradizem esta atribuição cronológica, antes a reforçam. Não conhecemos paralelos para o colar de contas de pedra exumado na cista 2. Na Necrópole da Atalaia foram encontradas algumas contas de vidro azul (Schubart, 1965, 1975); na sepultura 12 de Proven-

ça apenas duas contas de pedra verde e uma conta espiralada em ouro (Soares e Silva, 1981); na sepultura 16 de Becerrero seis pequenas contas de pedra verde discoidais com uma espessura máxima de 2mm (del Amo, 1975); na sepultura U de Maudinheiro (Castro Marim) três contas de pedra verde (Schubart, 1975, p. 198, Taf. 19) e numa sepultura de Santa Vitória (Beja) uma conta de talco, tipologicamente muito semelhante às dos Carapinhais, acompanhada de uma taça tipo Atalaia (Gonçalves et al., 2005), o que torna a dádiva de C2 única no seu género, até ao momento, no Bronze do Sudoeste, ao mesmo tempo que também indicia uma atribuição cronológica correspondente à primeira fase deste período cultural. A pouca cerâmica recolhida, os dois vasos de C1 e a taça hemiesférica de C3, bem como os dois bordos de cerâmica recolhidos nos *tumulii*, também se integram, sem qualquer problema, no Bronze I do Sudoeste. Vasos abertos, como a taça hemiesférica de C3, apareceram na necrópole de Ferradeira (Schubart, 1971) ou na necrópole de Chichina (Gómez et al., 1976), que se encontram cronologicamente na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze. Deverá também notar-se que Schubart (1975, 121, Abb. 13d) publica uma ponta tipo Palmela, que pertencia a Fragoso de Lima e que teria sido encontrada no sítio da Alagoa, freguesia de Safara. Interrogamo-nos se esta Alagoa, que parece não ser conhecida em Safara, não será a mesma Alagoa (denominação também da área dos Carapinhais, como já referido) do Sobral da Adiça, isto é, se não terá havido algum erro na atribuição da freguesia ao sítio em causa.

A orientação das sepulturas – NW/SE para as duas cistas, com estruturas tumulares de maior diâmetro, e SW/NE para as outras duas – deverá ter algum significado de diferenciação social (hierárquica, sexual, etária?). Uma confirmação precisa desta inferência foi impossível de obter face às contingências da intervenção – ausência total de material osteológico e violação parcial ou total da maior parte das sepulturas. No entanto, essa orientação terá por base algo de diferente do observado em outras necrópoles, em que a orientação das cistas se encontra, certamente, padronizada e correlacionada com os pontos cardiais. É o caso, por exemplo, da necrópole dos Bugalhos, na margem esquerda do Guadiana, datada do segundo quartel do II Milénio a.C. (Beta-120049 3450±40 BP), em que as duas sepulturas intervencionadas estão orientadas na direcção E/W, resultando as pequenas diferenças de orientação entre elas, muito provavelmente, da diferente altura do ano em que foram construídas (Soares, 2000). A necrópole dos Carapinhais corresponderá, portanto, a uma época em que essa orientação “ritual” observada nos Bugalhos ainda não estaria em uso na margem esquerda do Guadiana. Deverá também observar-se que o polimorfismo evidenciado pelas necrópoles do Bronze do Sudoeste nesta área do Alentejo (margem esquerda do Guadiana) terá algum significado crono-cultural, que ainda nos escapa em grande medida.

Por fim, a singularidade desta necrópole dos Carapinhais não se prende apenas com a sua tipologia e com as dádivas funerárias. Para a laje de xisto pertencente ao anel do *tumu-*

lus da cista 3 que apresentava duas covinhas (dois “olhos”) e se situava no enfiamento do eixo maior da cista, qual representação de entidade divina a proteger o inumado, não encontramos qualquer paralelo. Covinhas em número diverso – uma ou várias – têm sido registadas em lajes de cobertura de sepulturas de diversas necrópoles do Bronze do Sudoeste, segundo Gomes et al. (1986) e Gomes (1994): cista 1 da Vinha do Casão, cista 23 do monumento I da Provença, sepultura 2 de Panóias, monumento V da Atalaia, sepultura 13 da Alfarrobeira. Tem-lhes sido atribuída uma natureza ritual ligada a “manifestações conotadas com a superestrutura religiosa” (Gomes et al., 1986, p. 68). Por maioria de razão, a laje com duas covinhas da sepultura 3 da necrópole dos Carapinhais deverá integrar-se na superestrutura religiosa existente, nessa época, no Bronze I do Sudoeste.

Agradecimentos

Os nossos agradecimentos ao José António Rhodes Sérgio, ao Prof. João Dinis, à colega Teresa Ramos Costa, ao Rui, ao Luis e à Maria do Carmo Monge Soares pelo trabalho voluntário desenvolvido nas intervenções de campo. Uma palavra de gratidão, também, para a Junta de Freguesia de Sobral da Adiça pelo apoio prestado e ao Sr. José Abade, que contratado por essa Junta de Freguesia, soube, para além do seu trabalho com a picareta, introduzir a boa disposição em toda a equipa de escavação. Em matéria de boa disposição e não só, não poderemos esquecer o Sr. António Rosa Tubal Baptista, mais conhecido por “Choca”, que nos guiou nas deambulações pelas terras do Sobral e que também participou nas escavações. Por fim, os nossos agradecimentos ao Huet de Bacelar Gonçalves pela análise científica do material de que as contas do colar da cista 2 são feitas.

Bibliografia

del AMO, M. (1975) – Nuevas aportaciones para el estudio de la Edad del Bronce en el Suroeste Peninsular: Los enterramientos en cista de la provincia de Huelva. *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología* (Huelva, 1973). p. 433-454.
 GARCÍA SANJUÁN, G. (1993) – *Segunda intervencion de urgencia en la necrópolis de la Edad del Bronce de La Traviessa (Almadén de La Plata, Sevilla)*. *Actividades de urgencia. Archivo Arqueológico de Andalucía/1993*. p. 619-634.
 GOMES, M.V. (1994) – A Necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. (*XELB*. 2), 162 p.
 GOMES, M.V.; GOMES, R.V.; BEIRÃO, C. M.; MATOS, J.L. (1986) – A Necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. (*Trabalhos de Arqueología 02*). Lisboa: IPPAR. p. 5-97.
 GÓMEZ, F.F.; MATA, D.R.; FERNÁNDEZ, S.S. (1976) – Los enterramientos en cistas del Cortijo de Chichina (Sanlúcar la

Mayor, Sevilla). *Trabajos de Prehistoria*. 33, p. 351-380.
 GONÇALVES, A.A.H.B. (2007) – *Identificação mineralógica de uma conta da Necrópole dos Carapinhais – Sobral da Adiça, Moura*. (neste volume)
 GONÇALVES, A.P.; VALÉRIO, P. SOARES, A.M.M.; ARAÚJO, M.F. (2005) – A stone bead from a SW Bronze Age burial: análise by EDXRF and X-Ray Diffraction. *O Arqueólogo Português*. Série IV, 23, p. 257-264.
 SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. 22, p. 7-136.
 SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
 SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. 71, p.
 SILVA, C.T.; SOARES, J. (1981) Os cemitérios de cistas da Idade do Bronze. *Pré-história da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines, p. 141-180.
 SOARES, A.M.M. (1994) – O Bronze do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. As Necrópoles do Concelho de Serpa. *V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: AAP. Vol. II, p. 179-197.
 SOARES, A.M.M. (2000) – Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Bugalhos (Serpa). *Vipasca*. 9, p. 47-52.

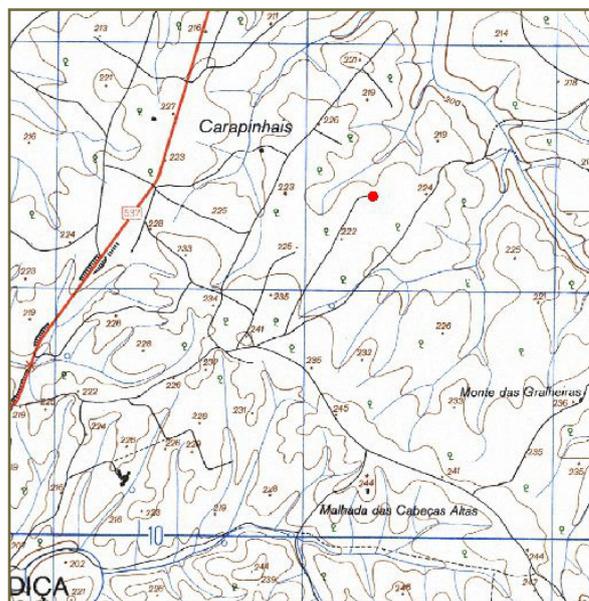


Fig. 1 – Localização da Necrópole dos Carapinhais. Base cartográfica: Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25000, Folha 524. Instituto Geográfico do Exército, 1992.



Fig. 3 – A cista 1 e respectivo tumulus.



Fig. 4 – A cista 2 e respectivo tumulus.



Fig. 5 – A cista 2 com fragmentos da possível laje de cobertura.



Fig. 6 – Cista 3. Observa-se uma das raízes da oliveira que contribuiu para a sua conservação. Pode observar-se, também, a dádiva funerária (taça hemiesférica) in situ.



Fig. 7 – A laje com duas covinhas que fazia parte do anel periférico do tumulus da cista 3, depois de retirada da necrópole tendo em vista a sua conservação.



Fig. 8 – A mesma laje da figura anterior (indicada por uma seta), ainda in situ, no anel periférico do tumulus.



Fig. 9 – A cista 4 com o enchimento de pedras resultante da sua violação recente.

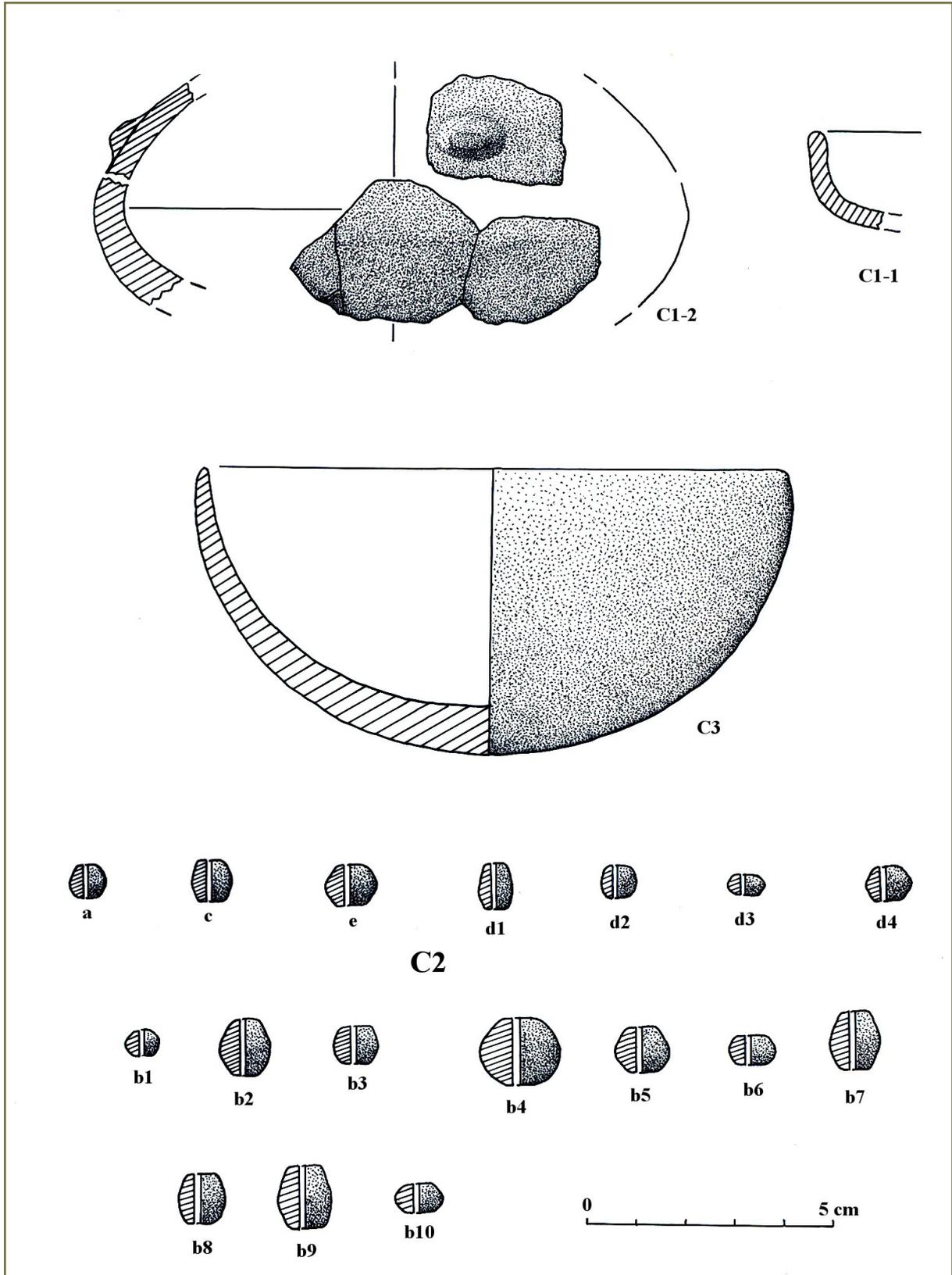


Fig. 10 – Dâdivas funerárias. A sua proveniência encontra-se indicada. No referente às contas de pedra, as b foram encontradas juntas, encontrando-se as contas b4, b5, b6 e b7 em conexão; as a, c, e encontravam-se dispersas, a várias profundidades, acima da cota onde apareceram as contas anteriores, devido à violação parcial que a cista sofreu; as d foram recuperadas no crivo. A conta d4 foi objecto de análise por SEM.



Fig. 11 – Contas do colar in situ.

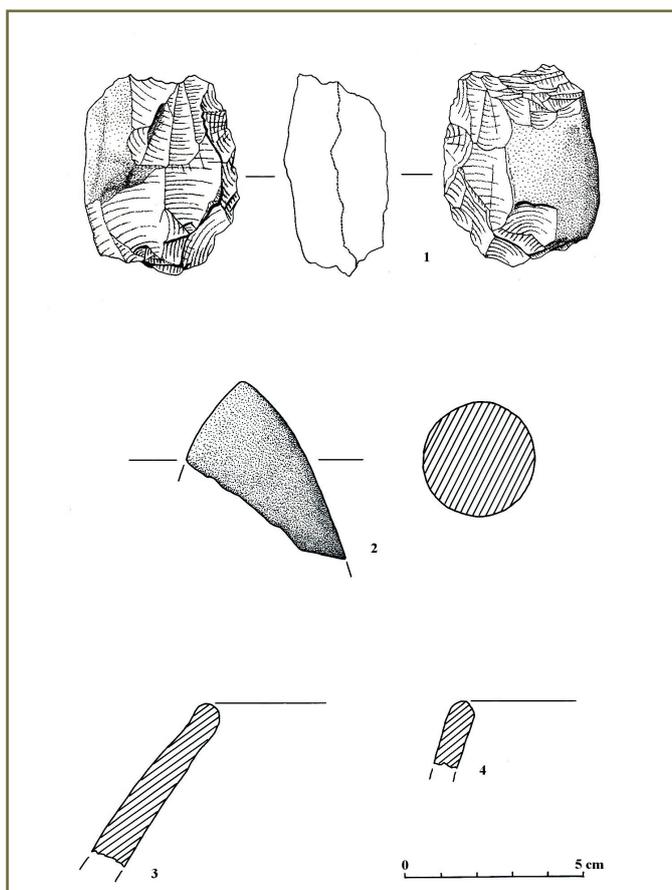


Fig. 12 – Artefactos encontrados na área envolvente da necrópole (1 e 2, pedra) e nos tumulii (3 e 4, cerâmica)